

Ecofeminismos, Conhecimento e Acção Política

Oradoras:

- Gea Piccardi (Centro de Estudos Sociais, Portugal)
- Irina Castro (Centro de Estudos Sociais, Portugal)

Moderadora: Paula Sequeiros (Climáximo)

Relatora: Teresa Silva

Mais informação sobre o painel:

<https://climaximo.wordpress.com/2018/12/09/ecofeminismos-conhecimento-e-acao/>

GEA PICCARDI apresentou brevemente as **teses do ecofeminismo** materialista e socialista (Carolyn Merchant, Mary Mellor, Maria Mies, Vandana Shiva, Ariel Salleh) e de como este pensamento feminista, através de uma reavaliação crítica da teoria marxista androcêntrica cujo foco foi exclusivamente a produção, **estabeleceu uma relação entre a exploração ecológica e a exploração das mulheres e centrou a discussão na dialética entre produção e reprodução, fazendo desta última a categoria central da análise.**

O ecofeminismo materialista analisa igualmente de que forma a divisão sexual do trabalho, a nível interno, se transformou numa divisão internacional do trabalho aquando do momento

de expansão do capital, fazendo com que o **trabalho escravo e migrante seja condição indispensável para o desenvolvimento do chamado primeiro mundo** – não há trabalho assalariado sem trabalho reprodutivo e a manutenção desta lógica de produção só é possível a partir da expansão do trabalho reprodutivo para outras áreas, neste caso a exploração da natureza e de outros povos. **Genocídio, biocídio e ecocídio caminham sempre juntos.** O neoliberalismo é um novo período de acumulação primitiva do capital e de enclausuramento dos *commons*, o que constitui um ataque à reprodução da vida e ao corpo das mulheres.

Esta análise ecofeminista recebeu algumas críticas por parte de teóricas dos estudos descoloniais (Chandra Mohanty, por exemplo), sobretudo devido ao facto **de essencializar e universalizar a categoria de mulher**, reproduzindo uma interpretação heteronormativa e colonial do género, e excluindo assim todas as outras subjetividades possíveis; mas **também por não ter integrado uma crítica interseccional** que estabeleça a ligação entre raça, etnia, religião e meio-ambiente. Este olhar eurocêntrico, que pode causar violências epistémicas, não entende a ligação mulher-ambiente que provém das lutas subalternas, impedindo consequentemente a criação de alianças transversais, com diversos posicionamentos, que permitam a construção de práticas feministas ecológicas partilhadas, não apenas contra o capitalismo e o patriarcado, mas também contra o neocolonialismo.

O pensamento e críticas descoloniais indígenas têm de ser absorvidos pelo ecofeminismo materialista de forma a

radicalizar as suas próprias teorias e a questionar a sua matriz eurocêntrica. As propostas descoloniais recuperam a subversão dos conhecimentos e práticas das comunidades ancestrais indígenas e só através da ideia de comunalidade (Cristina Vega, Raquel Gutierrez Aguillar, Silvia Rivera Cusicanqui, Lorena Cabnal)) se pode entender a relação mulheres-natureza e construir ecologias e economias feministas alternativas, anticapitalistas e antipatriarcais, O gênero não pode ser separado das relações políticas de comunalidade. **A comunalidade, na qual o trabalho reprodutivo é socializado, e a produção comum de conhecimento são duas das estratégias de descolonização do feminismo propostas pelas feministas indígenas.**

Por fim, o feminismo indígena oferece ainda uma outra categoria crítica ao ecofeminismo materialista que é a relação entre o **“Território-Corpo e o Território Terra** (Lorena Cabnal), ambos sujeitos à mesma violência patriarcal. Esta relação é elemento essencial de qualquer prática política comunitária, uma vez que o humano e a natureza são um mesmo corpo interdependente.

IRINA CASTRO trouxe-nos uma **reflexão sobre a produção capitalista do conhecimento e da ciência, através do estudo de mulheres dissidentes em contexto científico**, sobretudo nos ramos da biologia, epigenética e teoria da evolução (Rachel Carson, Lynn Margoulis, Joan Roughgarden e Helena Alvarez Buylla). Os debates sobre ciência focam-se demasiado sobre os impactos da mesma e raramente sobre a sua produção no sistema capitalista e, como tal, a **dissidência é o lugar**

privilegiado para entendermos os mecanismos de coerção do capital sobre as formas de produção de conhecimento.

Tal como a própria produção epistemológica, também a dissidência científica tem sido sempre focada em homens e no seu trabalho, obliterando assim não só os novos conhecimentos construídos a partir da perspectiva de género, mas também uma nova história do conhecimento. **As mulheres dissidentes na ciência são quem tem feito a grande crítica à própria produção capitalista de conhecimento**, enquanto que a dissidência masculina se centra exclusivamente no conflito entre saberes académicos divergentes. As mulheres dissidentes promovem a expansão de uma justiça cognitiva e de uma **ciência que seja *response-able* (*response-ability*)**, ou seja, uma ciência cuja capacidade de resposta actue sobre problemas concretos da vida e construa novos conhecimentos capazes de dialogar com outras epistemologias que não apenas as ocidentais/brancas, modernas e tecnológicas. **Estas mulheres têm sido desacreditadas, diabolizadas e afastadas pelo mainstream científico.**

A dissidência científica feminina promove um modelo de produção de ciência que denuncia o colonialismo da ética capitalista, a misoginia e o racismo do algoritmo e a ocultação premeditada de outros conhecimentos. **Uma ciência anticapitalista tem de ser um estudo conjunto da ética, da ontologia e da epistemologia e das relações que se articulam entre seres humanos e não humanos na construção do mundo. Deve igualmente construir-se a partir da comunidade** e pôr finalmente de lado a ideia do génio cientista puro individual. Uma ciência socialista tem de ser uma

simbiose entre o pensamento ecológico e a crítica anticapitalista feminista materialista, pondo fim ao mito da natureza passiva e da técnica desassociada das condições políticas, sociais e materiais.

A construção de uma ciência alternativa anticapitalista não é um projeto utópico, ela já existe há muitas décadas, não é necessário recomeçar do zero – ela **já está a ser praticada por mulheres dissidentes**.

Questões:

- Porquê falar especificamente da dissidência feminina?
- O que significa "boa ciência" e "má ciência" e qual o verdadeiro alcance do método científico;
- Qual o problema dos organismos geneticamente modificados;
- O que é a ciência engajada? Esta existe?;
 - Qual a diferença entre mulheres que fazem ciência e ciência feminista;
- Feminismo e a produção colonialista da ciência e do conhecimento (necessidades das teorias contra-hegemónicas);
- Conexões entre patriarcado e capitalismo;
- Ligação entre extração e reprodução;
- O que podem ser tecnologias feministas;
- Como ensinar ecofeminismo e ecossocialismo nas escolas?